

PROTEÇÃO DAS FLORESTAS CONTRA OS SEUS INIMIGOS

ARLINDO P. GONÇALVES (*)

Desde o início de sua formação e depois de formadas as áreas cobertas com floresta, deve haver vigilância constante contra os seus piores inimigos, dentre os quais o principal é o próprio homem. Isto porque os maiores prejuízos causados aos povoamentos em formação ou já formados têm como agente o fogo que, por sua vez, é quase sempre o resultado da maldade ou do descuido do homem.

Em plantações de pinheiro brasileiro, por exemplo, um fogo pode causar prejuízo total, queimando e matando todas as árvores de extensas áreas até que possa ser controlado. Se não fosse a ação maléfica e destruidora do fogo que anualmente percorre vastas superfícies de capoeirinhas em formação natural, muitos seriam os lugares em que em pouco tempo estariam formadas novas matas.

O fogo ateadado maldosa e criminosamente, os incêndios ocasionais provenientes do descuido e do relaxamento dos roceiros, fumantes e fazedores de pique-niques e as locomotivas incendiárias de nossas estradas de ferro que reduzem a cinzas a vegetação marginal de seus leitos, causam entre nós, todos os anos, uma criminosa mortandade de milhões de árvores que, em futuro não muito distante, poderiam ser aproveitadas com reais vantagens.

De todas as pragas que atacam as formações florestais, a mais terrível é sem dúvida a saúva. O combate a esta praga não é coisa impossível, graças aos métodos modernos e eficazes de ataque a este terrível inseto. Por ocasião da enxameagem as tanajuras ao descerem de seu vôo nupcial escolhem de preferência os terrenos descobertos para darem início à fundação de um novo formigueiro. Aqui vemos mais um efeito prejudicial do fogo que é o de facilitar a proliferação deste terrível inimigo de nossas plantações.

Nos primeiros anos de formação, as nossas árvores estão pequenas e podem ser golpeadas por uma única «bocada» de uma formiga e os terrenos estão descobertos facilitando a implantação de novos formigueiros. Daí a necessidade de se cuidar seriamente do combate a este inimigo nos primeiros anos. Depois de completamente formado não só as formigas não poderão mais dominar o vigor da vegetação das grandes árvores, como ainda a eventual implantação de um novo formigueiro não será mais uma tarefa tão

(*) Eng. Agrônomo, Chefe do Depto. de Silvicultura

fácil como em terrenos livres e limpos, em que a tanajura possa cavar livremente o seu ninho.

Os animais domésticos tais como os bovinos, equinos, muares, e especialmente os caprinos e ovinos podem causar grandes prejuízos às florestas em formação ou até mesmo a árvores crescidas, por pastarem suas folhas ou roerem suas cascas.

Em resumo apresentamos as seguintes sugestões para um trabalho de proteção das florestas:

- 1) — Escolha criteriosa dos terrenos destinados aos trabalhos de reflorestamento, evitando plantar árvores, como o pinheiro brasileiro, em lugares onde haja probabilidade de incêndio como sejam, por exemplo, as margens de estradas de ferro, ou outras rodovias de grande trânsito.
- 2) — Manter um serviço de vigilância contra o fogo, procurando a todo o custo evitar o seu aparecimento e, no caso de se irromper algum incêndio em algum lugar, poder dominá-lo antes que cause grandes prejuízos.
- 3) — Manter separadas por aceiros suficientemente largos as áreas a serem protegidas, evitando assim a entrada de fogo vindo de terrenos vizinhos.
- 4) — Evitar a formação de grandes blocos contínuos. De distância em distância deve existir uma faixa livre de vegetação, de fácil combustão, podendo aí ser combatido e apagado o fogo que por acaso possa ocorrer em um ponto qualquer.
- 5) — Manter cercada e protegida a área florestada contra a invasão de animais domésticos prejudiciais.
- 6) — Manter um serviço de fiscalização por meio de rondas que percorrem os terrenos diária ou peridiocamente, procurando assim afugentar os «amigos do alheio» e ainda tomar todas as providências a tempo contra a possível invasão de um fogo vindo de algum lugar próximo ou distante.
- 7) — Fiscalizar os aceiros dos vizinhos que pretendem queimar nas vizinhanças dos terrenos, procurando evitar o emprêgo do fogo com aceiros estreitos, em horas muito quente do dia, com muito vento, sendo de todo inconveniente a escolha do dia de sábado para pôr fogo. Caso venha a irromper um fogo no domingo, dificilmente se poderá conseguir gente para debelá-lo neste dia destinado a descanso.